

Fabián Severo e seu lugar de enunciação fronteiriço

Vinícius Eustáquio Magalhães (UNILA)ⁱ

Débora Cota (UNILA)ⁱⁱ

RESUMO

O estudo analisa algumas obras literárias de Fabián Severo. Coloca em discussão especialmente sua escrita em portunhol e elementos tensionados por esta escrita como território e seu pertencimento; políticas nacionais; e identidade e comunidade. Destaca-se, sobretudo, o caráter translinguístico (GONZÁLEZ, 2019) da escrita e seu lugar de enunciação fronteiriço (STURZA, 2006).

Palavras-chave: Fabián Severo; portunhol; enunciação fronteiriça.

RESUMEN

El estudio analiza algunas obras literarias de Fabián Severo. Pone en discusión especialmente su escrita en portuñol y elementos tensionados por esta escrita como territorio y su pertenencia; políticas nacionales; e identidad y comunidad. Se destaca, sobretudo, el carácter translinguístico (GONZÁLEZ, 2019) de la escrita y su lugar de enunciación fronterizo (STURZA, 2006).

Palabras-clave: Fabian Severo; portuñol; enunciación fronteriza.

ⁱ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) | E-mail: vinicius.magalhaes@unila.edu.br

ⁱⁱ Professora de Literatura latino-americana na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA). Coordenadora adjunta do Grupo de Pesquisa Estudos de Poéticas do Presente | E-mail: deboracota.lit@gmail.com.

Antes,
eu quiería ser uruguayo.
Agora
quiero ser daquí –
Fabían Severo (2010)

Ao discutir o território e a fronteira do ponto de vista geopolítico nos debatemos com diversas outras questões, como cultura, língua, comunidade e identidade. Em particular as fronteiras não são apenas tratados ou limites geográficos, mas também as relações sociais e trocas simbólicas que nela acontecem. Ela está tão determinada pela transgressão física de seu espaço e limites, quanto pelo contato de pessoas e línguas. Concebido sob discursos nacionalistas, os estados nacionais no século XIX foram pensados a partir de uma política de soberania, cujos territórios e suas delimitações fundamentaram a ideia mesma de Estado-nação.

Não apenas uma hegemonia territorial, mas também uma hegemonia cultural se constrói nesse imaginário de unidade. Já que qualquer diferença poderia abalar a soberania nacional, foram adotadas ao longo das décadas políticas que buscavam a qualquer custo controlar e organizar as práticas sociais em todos os seus domínios. Como por exemplo, o decreto de língua nacional e a imposição do monolinguismo nas escolas. Situação que não foi diferente para com as diversas línguas distribuídas nas diferentes regiões, a exemplo dos estados no Sul do Brasil, onde houve uma segunda onda de migração europeia e no norte do Uruguai, palco de intensa ocupação luso-brasileira.

Essas populações foram vítimas de políticas de homogeneização linguística, pois por lei se deveria falar apenas em uma língua: a língua nacional, no caso em questão, as línguas portuguesa e espanhola. Toda essa organização orquestrada pelo Estado, contudo, não pôde conter a heterogeneidade presente em seus territórios. Sobretudo em suas fronteiras, caracterizadas como espaços dinâmicos e uma história particular. Desses limites territoriais surgem manifestações culturais e práticas linguísticas que vão revelar a fronteira mais como um espaço heterogêneo e de convívio do que como homogêneo e unitário como se idealizou.

A negação do Estado ao implantar políticas educacionais monolíngues nas escolas de fronteira dos dois países teve resultados catastróficos que se mostram

presentes até hoje. Na experiência uruguaia isso se mostra na dificuldade de alfabetização e letramento de indivíduos monolíngues no dialeto português. Mas sobretudo pelo estigma e marginalização desse último. Essas problemáticas nos abrem caminhos também para pensar, portanto, como está intrincada a cultura e a identidade heterogênea dos indivíduos sob a tutela de um Estado que preza pela unidade e o controle. Essa necessidade de controle acaba por gerar um embate de forças e o desejo de rompimento do sujeito com o Estado. Os debates atuais sobre cultura e identidade têm levado a grupos em todo mundo a se manifestarem e a criarem mecanismos e lugares para se representar.

Este trabalho apresenta uma discussão particularmente da cultura fronteiriça, marcada pelo convívio entre culturas e práticas translíngues. No plano literário, falamos de literatura fronteiriça como um veículo de manifestação dessas culturas e a possibilidade de representação desses sujeitos. Dentre os exemplos literários que colocam em questão território, língua e literatura está o já clássico romance com traços autobiográficos *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987) da escritora chicana Gloria E. Anzaldúa. Como analisa Abrantes (2018), a obra de Anzaldúa mostra a vida de chicanos nos EUA, que como a própria escritora, possui uma identidade marcada por duas nações: a mexicana e a estadunidense. Tal situação na qual estão submetidos esses sujeitos transnacionais os levam a uma situação de rejeição e estranhamento em ambos os lados territoriais.

Anzaldúa nos mostra os conflitos dos sujeitos transnacionais que estão marcados não apenas pelo contato entre grupos e línguas diferentes, mas que experienciam duas ou mais culturas à flor da pele. A obra é, portanto, um exemplo de suas vivências e experiências, mas que ao mesmo tempo vai representar todo um grupo de chicanos distanciado pela demarcação territorial entre os dois países e que utiliza certa mistura do espanhol e do inglês, o *spanGLISH*, para se comunicar. O livro é também um exemplo de que a representação de grupos com identidades heterogêneas a partir da literatura se dá justamente de um outro local de fala que não é o hegemônico.

No caso específico deste trabalho, analisaremos a literatura do escritor Fabián Severo entendendo-o como um articulador de uma manifestação cultural fronteiriça, que é característica mesmo de seus trabalhos literários e musicais. Nesse sentido, podemos voltar a pensar a fronteira como lugar de enunciação fronteiriço (STURZA, 2006), ou

seja, o lugar em que surgem os trabalhos de escritores, músicos e artistas que habitam ou bem se movem aí. A fronteira é o lugar de fala de Severo. O teor autobiográfico de suas obras, e mesmo os personagens que compõem suas histórias, mostram a idiossincrasia desse sujeito transnacional, que convive entre duas ou mais culturas, e que se movimenta nesse espaço particular. Sempre escrevendo em uma língua como oportunhol, resultado dessa dinâmica.

Destaco, portanto, que o desenvolvimento e análise da escrita de Severo são acompanhados dessas questões ligadas ao espaço de fronteira e suas práticas linguísticas, a relação sujeito-língua, identidade e cultura. Além das políticas de Estado e suas implicações no âmbito das representações.

IDENTIDADE, NAÇÃO E TERRITÓRIO

Na cidade de Sepultura, criada por Severo em seu último livro com este mesmo título, de 2020, os vivos e os mortos continuam vinculados pela capacidade de se comunicarem. Sepultura possui um enorme cemitério e até pessoas de outras cidades preferem enterrar os seus mortos ali para que possam continuar falando com outros, mesmo depois de mortos. O narrador que parece já estar morto, é também, além de uma das vozes da narrativa, quem fala com o leitor, estabelecendo essa conexão entre estes outros dois mundos, o da narrativa e o do leitor. Além de nos contar sua própria vida, ele é interpelado por diferentes vozes e histórias as quais vamos pouco a pouco conhecendo. Em um momento ele quer fazer uma distinção entre si e os outros, mas descobre que não pode, pois está atravessado por diversas pessoas.

Pero no soy yo. Yo no hablo así. Mis pensamiento no tienen esas curva. Yo soy de pensa llanito, terreno baldío de las idea. Pero como no puedo parar de iscutar, mi voz se da una arrumada y se anima a salir, pero nunca soy yo. ¿Será que ya morí y istoy falando como los que cruzaron la ruta? (SEVERO, 2020, p. 44)

O narrador que é interpelado por diversas vozes se pergunta afinal se o que está dizendo são suas memórias. Seus pensamentos se misturam com os dos outros, levando-o a questionar quem está vivo ou quem está morto. Ele chega à conclusão que esses dois opostos são irrelevantes e pergunta ao leitor: “¿Toda las palabra que usted dice, son suya?” (SEVERO, 2020, p.44). Ele nos faz pensar afinal que todos nós somos

interpelados pelos outros, e estamos participando desse permanente jogo de representação de si mesmo e dos outros, que significa conviver.

Ao longo do livro ficamos sabendo que a chegada da escola trará a proibição de se falar com os mortos. A construção de um muro por militares, por fim, vai distanciá-la de outras cidades e definir uma fronteira. Esse limite vai interferir drasticamente nos modos de viver e de se relacionar com os mortos, mas também com os moradores das cidades vizinhas. Essas imagens nos servem como metáforas através das quais se pode pensar o sujeito e sua ruptura com o outro que são abruptamente separados por ações políticas arbitrárias oriundas do Estado.

Devemos lembrar que de um ponto de vista histórico, a formação dos Estados nacionais são consequências dos processos de independência no século XIX. Essas nações são fundadas a partir de discursos nacionalistas que pensam elementos como língua, raça, religião e história como homogêneos e particulares de cada território. Porém, o que se verificou na verdade foram heterogeneidades culturais condicionadas em um mesmo espaço. Para Ángel Rama (1982), por exemplo, essas confluências de culturas no continente é um elemento-chave que dá fundamentação para sua ideia de transculturação.

No que diz respeito às fronteiras, esse é um lugar onde essas características se mostram facilmente, expondo também suas contradições. Nesse sentido, a ideia de divisões demarcatórias, seja no período colonial, seja durante a formação dos Estados nacionais, dão uma sensação de arbitrariedade.

A formação de Estados soberanos por meio de elementos de identificação nacional é o que Anderson (1993) descreve como formador de comunidade imaginada. Para Hall (2000; 2006) esse essencialismo histórico, cultural e identitário descrito está em declínio. Segundo o autor, as estruturas tradicionais tais como o estado-nação estão sendo questionadas, bem como as identidades que a partir delas foram construídas sob uma suposta hegemonia, necessária durante os processos independentistas. Essa reflexão sobre o sujeito, sua identidade e o território é essencial para pensarmos escritores que têm a fronteira como seu lugar de enunciação.

Quando se trata de obras desenvolvidas sob contextos multiculturais e translingues como o fronteiriço é possível verificar certas complexidades pertinentes à identidade, que parece estar muito mais em uma dinâmica de movimento, convívio e

negociação. Vemos o quanto é difícil de entendê-la de maneira essencialista, fundada em elementos fixos. Nesse sentido, as formulações sobre comunidades imaginadas de Anderson (1993) e de identidade na pós-modernidade de Hall (2000; 2006) servem para pensar teoricamente a maneira como os escritores de fronteira manejam esses atributos transitórios e construídos coletivamente.

Esses aspectos podem ser observados em trabalhos acadêmicos como os do sociólogo Albuquerque (2005, p. 174) que investiga justamente os conflitos existentes na fronteira Brasil-Paraguai e a construção de uma identidade nesse espaço. O autor apresenta diversos termos que os sujeitos fronteiriços utilizam e que marcam esse confronto, como por exemplo, o fato dos brasileiros se referirem de modo pejorativo aos paraguaios os chamando de xiru, ou a utilização do termo brasiguai ao brasileiro nascido no território paraguaio. Bem como outros estereótipos, como “trabalhador” para o brasileiro e “preguiçoso” para o paraguaio. No caso do brasiguai, segundo o autor (ALBUQUERQUE, 2005, p. 229), esta seria uma “identidade imprecisa e bastante mutável”, podendo designar apenas aqueles simplesmente nascidos no território paraguaio quanto também aqueles com uma identidade fronteiriça híbrida, que mistura a cultura brasileira com elementos da cultura paraguaia, ou seja, cujas línguas e culturas entram em dinâmica.

Abrantes (2018) vai discorrer em sua dissertação sobre o sujeito fronteiriço uruguaio e os estadunidenses de origem mexicana para compreender melhor a literatura de escritores que escrevem na língua falada nestes locais e contextos, notadamente, escritores translingues. Mais especificamente, a partir das obras literárias de Fabián Severo, na fronteira Brasil-Uruguai, nas quais se usa oportunhol, e na de Gloria Anzaldúa no contexto México-Estados Unidos, cuja comunidade chicana faz uso do *spanglish* e denotam esses espaços de contato.

A partir disso, podemos falar da identidade multidimensional (CUCHE, 1999) para explicar os fenômenos de identidade mista no interior das diversas sociedades ou ainda a “dupla identidade” de jovens imigrantes. Esse seria um termo negativo dentro da perspectiva monocultural do Estado que tem “o medo obsessivo de uma dupla lealdade que é a ideologia nacional” (CUCHE, 1999, p.193). Como explica Cucho:

Ao contrário do que afirmam certas análises, estes jovens não têm duas identidades opostas entre as quais eles se sentiriam divididos (...) o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade fazendo uma

síntese original a partir destes diferentes materiais. A concepção negativa da “dupla identidade” permite que se desqualifiquem socialmente certos grupos, principalmente populações vindas da imigração. (CUCHE, 1999, p. 193)

A perspectiva multidisciplinar de análise de Abrantes sobre a dinâmica das práticas translíngues e as identidades heterogêneas dentro do Estado vai apontar justamente os problemas relacionados à estigmatização do sujeito binacional e seu silenciamento a partir de políticas monolíngues. Nesse sentido, para Abrantes, a literatura em língua híbrida e que fala sobre os sujeitos que estão “entre dois lugares” é importante na medida em que os colocam em evidência (ABRANTES, 2018, p. 221).

Fabián Severo reflete sobre esse “entrelugar” no norte uruguaio nos poemas “Treis”, “Sete” e “Onse” de Noite nu Norte. A imagem que o escritor nos passa é um tanto dramática e mostra a relação difícil do sujeito transnacional:

*Noum sei como será nas terra sivilisada
mas ein Artigas
viven los que tienen apeyido.
Los Se Ninguém
como eu
semo da frontera
neim daquí neim dalí
no es noso u suelo que pisamo
neim a lingua que falemo.*

*Archigas no tiene presidente.
Artigas e uma terra pirdida nu Norte
qui noum sai nus mapa. (SEVERO, 2010, p. 11, 15 e 19)*

Os versos acima parecem determinar que esse é um lugar à parte, onde vivem sujeitos também à parte, incertos entre dois países. Um lugar que pudesse até mesmo ter o seu próprio presidente. Todavia, é uma terra esquecida e que nem mesmo aparece nos mapas. Seus moradores vivem no lugar, mas não são donos da terra e nem podem andar livremente. Possuem uma língua, mas não podem usá-la. No poema o escritor fala do drama vivido pelo sujeito transnacional nascido na fronteira. Esse deslocamento também é vivido pelo autor quando este parte para a capital Montevidéu, onde se sente estranho e é também recebido com estranhamento.

O que podemos pensar é que o sujeito transnacional carrega consigo uma herança cultural que o distingue dos demais, mesmo havendo nascido no mesmo território. Essa sensação do escritor é também a dos chicanos nascidos nos Estados Unidos e pode ser também a de filhos de imigrantes. O sujeito descrito nos versos de

Severo representa, portanto, essa identidade que é carregada de elementos de duas ou mais culturas. Seja por hereditariedade ou adquirida pelas vivências do espaço-território. O que o autor faz é expor essas problemáticas e questionar o modo como o veem e como se vê. Mas também, é um modo de dizer que não há contradição em se movimentar e pertencer a mais lugares.

Falamos nos parágrafos anteriores, a partir de Albuquerque (2005), Abrantes (2018) e de Severo (2010, 2020) dos sujeitos binacionais que vivem em um país que está pensado na lógica de território unificado e interpelado pela identidade cultural. A proximidade a tal fenômeno nos faz perguntar como afinal o sujeito cuja identidade está permeada por duas nações se imagina e é imaginado pelo outro? Proponho novamente uma reflexão a partir da consideração da alteridade que Severo realiza em seu poema “Trintitrés” ao introduzir culturas populares africanas no imaginário da nação uruguaia:

*Us miércole, con los gurí da Josefa
nos ía nel culto da esquina
onde nos davan yocolate caliente i gayetita María.
Yo sabía todas las cansión i cantava bein alto
porque quiría ser músico cuando fose grande.
Mi padriño me disía
que güela tu tein Yiribibe, tiscutamo todo el culto.
Los dumingo yo iva solito en la misa
alí no davan nada de comer
mas como yo también quiría ser padre
yo iva mirar la jente arrodizada, resando
i pensava en ayudar toda esa pobre yente.
Sabía la misa de memoria
i iva repitindo en vos baja junto con el cura.
Mas lo que me gustava mismo
eran las fiesta de los Ogún nu terreiro da Elisa.
La Main me disía tudo lo que me pasava i iva pasar.
Avía música, baile i muinta cumida
banana, choriso con miel, porco asado,
asvés asta yevavan guaraná.
Eu gostava aunque no sabía las música
porque eran difísil.
Una volta, la Main me dise que mi santo es Yangó
Santo da yustisa i da sabedoría.
Desde intonses, antes de durmí
yo le pido forsa, lus i protesión.
Noum sei si ele me da. (SEVERO, 2010, p. 41).*

No caso da cultura uruguaia, podemos pensar em dois polos culturais distintos, entre o sul, onde está a capital Montevideú, e o norte, onde estão as fronteiras com o Brasil. O Sul é polo cultural de onde vem as representações do que é ser uruguaio. O Norte, contudo, é um espaço da alteridade com o vizinho brasileiro, outro polo cultural.

Assim, o Norte conforma um espaço onde os sujeitos são impelidos por duas representações socioculturais distintas, além de uma dinâmica de convivência diferente que é a da fronteira.

Ao falar das fronteiras no norte do Uruguai e colocar em cena esses sujeitos e culturas afro-brasileiras, o autor dá exemplos que mostram a impossibilidade de homogeneidade cultural. Isso mesmo abala a ideia de cultura nacional como aquela representada na capital no sul do país. *“Nosotros, los ‘frontera’, vemos que los conceptos se desarman, que lo que algunos llaman “patria”, “país”, “nación”, “idioma”, “cultura”, no significa lo mismo para nosotros”* (SEVERO, 2015, p. 264).

É necessário reconhecer que a identidade nacional não se conforma apenas através das “identidades compartilhadas” pela qual os indivíduos se reconhecem como pertencentes à mesma comunidade, mas também pelas “diferenças”. No caso da fronteira do Brasil-Uruguai, esse espaço é caracterizado por trocas socioeconômicas e culturais que vão para além das definições jurídicas do Estado. Trata-se, portanto, de um lugar de convívio e conflitos históricos.

Roberto Esposito nos diz que o “próprio” de uma comunidade não é o que os unifica, dentro daquilo do que se pensa que é o “comum”, mas sim o “impróprio”, aquilo que é diferente entre seus participantes: *“la oposición fundamental: no es lo propio, sino lo impropio – o, más drásticamente, lo otro – lo que caracteriza a lo común”* (1998, p. 30). Assim, os textos fronteiriços de Severo apontam para um território composto por diferentes grupos e comunidades, e as categorias pensadas para se imaginar a nação como unidade estão sendo contestadas. Desse modo, em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, é mais certo dizermos que ela é formada pela diversidade, pelas alteridades.

Esposito indaga se a comunidade vista como uma unidade não poderia ser então um conjunto de diversos indivíduos diferentes entre si, no qual a “diferença” e o “outro” seriam fundamentais para a determinação do “eu”. Esse para nós parece ser o caso do escritor fronteiriço que se nutre de diversas “outras” histórias e que nos apresenta também o seu “eu” íntimo e personagens cujas representações culturais cruzam os limites do espaço-território.

TRANSLINGUISMO, LÍNGUA LITERÁRIA E LUGAR DE ENUNCIÇÃO

As transformações geradas pela globalização são temas das teorias pós-modernas discutidas por diversos autores desde o final década de 80 como Canclini (1990), Bhabha (1998), Bauman (1999), Hall (2006) que falam sobre hibridismo e transculturação, fruto da colonização e imigração europeia na América como uma primeira fase da globalização. A configuração latino-americana então seria resultado desses encontros e movimentos que geram produtos culturais com características híbridas dos dois polos culturais. Esse processo de globalização se expandiu ao longo dos séculos e atualmente se fala em uma nova fase da globalização onde essas discussões de movimento e encontros ainda são importantes. Na metade do século passado se viu um grande deslocamento causado por migrações e exílios forçados dados os contextos da segunda guerra. Porém, desde a década de 80, as migrações e os deslocamentos têm sido motivados não apenas por guerras, mas também por razões econômicas, gerando assim trocas culturais e simbólicas das produções entre centro-periferia.

Hall e Bauman já falaram de uma homogeneidade cultural e linguística como característica maior do Estado-nação, e como a identidade nacional não é capaz de explicar o sujeito na modernidade, que é impactado pela globalização e outros fenômenos, como as migrações, o fluxo de comunicação e as trocas culturais globais. Os dois estudiosos falam de uma crise. Bourriaud, por outro lado, vai partir da ideia de que a heterogeneidade, vista em particular no sujeito diaspórico, em contato com outra cultura e língua age como um sujeito “radicante”. Em analogia a planta radicante, que se adapta e se modifica de acordo com a terra e o ambiente que está, o sujeito radicante também o faz no que diz respeito à cultura e à língua (BOURRIAUD *apud* GONZÁLEZ, 2019, p.100), configurando assim um sujeito com identidade transitória, em constante negociação com o outro. Por outro lado, o autor não vê aí uma crise, a diáspora que ele fala é muito mais uma oportunidade de troca.

No plano literário, o escritor radicante vai produzir uma obra que mostra esses “múltiplos enraizamentos”, acabando por vez com a ideia de hegemonia e centralidade cultural antes imaginada. Elena González traça um percurso teórico importante para

tratar do translinguismo que passa não apenas pela noção de radicante de Bourriaud mas pela de “extraterritorialidade” em George Steiner (1990) e Mary Louise Pratt (2011). Pela ideia de “vivência translingue” de Steven G. Kellman (2000) e a de “relação translingual” em Otmar Ette (2016). Uma característica dessas práticas translingues é o teor autobiográfico de suas escritas, nas quais a imagem do eu e do outro está sempre em evidência. Essa negociação, por vezes frutífera, por vezes conflituosa, também aparece nos textos em formas de relatos nos quais vemos uma grande abertura às histórias de vida. E mais ainda, uma outra representação do sujeito e do escritor nacional.

Não é apenas a narrativa que está permeada por essa multiplicidade, mas também a língua é um fator importante nessa dinâmica. Mais especificamente, a língua nacional e sua dinâmica com outra língua adquirida, pois a língua afeta a alteridade do indivíduo, que passa a se ver e a ser visto a partir dela. Nesse sentido, quando falamos de sujeitos que usam dois códigos linguísticos, como os vistos em situações de migração, em áreas fronteiriças ou ainda bilíngues por hereditariedade, estamos falando de sujeitos que, nesse processo de coabitar com outra cultura, acabam por criar práticas translingues. Isso acontece ao falarem e ao escreverem literatura utilizando mais de um idioma, que são resultados desses movimentos e múltiplos enraizamentos.

A territorialidade também é colocada em jogo para esses escritores já que sua literatura pode ser escrita em um país estrangeiro e em uma língua diferente da língua nacional. É assim difícil de classificar e determinar o local do qual se enuncia, pois o escritor translingue está em um entrelugar. Ou ainda, como já discutimos em um lugar de enunciação próprio. Sua obra normalmente está embebida pelo outro, o que reflete no sujeito-eu-escritor que demonstra essa multiplicidade de vozes (fala-se em polifonia) no seu discurso e nas histórias. Podemos dizer que em seus trabalhos há ainda uma constante ‘tradução de si próprio’ por parte dos escritores que fazem esse exercício de escrever utilizando dois códigos linguísticos durante o processo de criação da obra.

Nesse sentido, em um primeiro momento, as discussões em torno dos contatos culturais na América Latina se centraram no legado da colonização, os consequentes hibridismos, a transculturação e a antropofagia, pois se imaginava o continente como lugar desse encontro ‘mágico’ e a Europa como polos separado das produções literárias. Hoje, a perspectiva de análise tem acompanhado produções literárias que cada vez mais

tem mostrado que, na verdade, esses polos estão em diálogo e refletem realidades que podem ser vistas globalmente. A literatura passa a então a ter esse caráter desterritorializado e inscrevendo diversos autores que falam dos temas nacionais sem necessariamente falar do nacional, pois está fazendo uma representação do sujeito que se construiu em um entrelugar.

Antes, se as discussões sobre o sujeito pós-moderno se centravam na problemática da crise da identidade, da nação e do território, hoje elas caminham mais numa perspectiva de ver o sujeito como alguém que se construiu em uma identidade múltipla e maleável. Esse sujeito possui um vínculo territorial e cultural que é também múltiplo. Ele mantém, de maneira não conflituosa, várias línguas e culturas em seu repertório. Os escritores que fazem parte desta gama têm demonstrado isso a partir de diversas obras que vão problematizar a relação entre literatura e a representação da sociedade. Essa geração de escritores translingues abrem novos caminhos para se pensar a comunidade literária e as novas definições de cânones literários, pois ressignificam o local e o nacional e se colocam no panorama literário global.

Como já se apontou, a discussão sobre o translinguismo também se expande para a chamada literatura desterritorializada, ou em trânsito e peregrina ou sem residência fixa (ETTE, 2015) que reflete esse processo contínuo observado tanto no âmbito social quanto nas obras literárias. Na literatura, escritores nascidos no exterior ou que se movimentam entre culturas, escrevem em outra língua que a nacional ou a materna. As comunidades de nascidos em outro país diferente dos pais, os fluxos migratórios, as trocas culturais, a cultura de massa globalmente têm criado pontos de acessos comuns em diversas regiões do mundo. Ao estarem em contato e convívio sob diversos contextos linguístico-culturais, esses sujeitos produzem obras que refletem essa realidade multicultural, transnacional e translingue.

Vale lembrar os contos de Douglas Diegues publicados na antologia *Los Chongos de Roa Bastos* (2011): filho de brasileiro e mãe paraguaia, o autor traz a paisagem da fronteira paraguaia escrita em um portunhol selvagem que escancara o uso não controlado da mistura do português com o espanhol frequentemente utilizado nas fronteiras do Paraguai com o Brasil. Outro exemplo é o escritor Wilson Bueno, ele também aborda esse deslocamento entre culturas em sua obra *Mar Paraguayo* (1992), que conta a vida de uma paraguaia imigrante no Brasil. O livro escrito em portunhol e

guarani representa a prática translingue e diglósica típica, vivida nas fronteiras entre os dois países. A fala e o pensamento íntimo da sua personagem é permeado por mais de uma língua e uma cultura, reflexo desse sujeito transnacional. Ou ainda Damián Cabrera que em *Xirú* (2012) opta por uma narrativa escrita em espanhol, mas com insistentes diálogos em guarani, guarañol e jopará deixando a vista as interferências entre as línguas utilizadas no contexto fronteiriço. O uso do guarani distancia o leitor não falante da língua, mas reflete uma situação linguística e social de bilinguismo própria do Paraguai. Já Severo escreve em portunhol, aproximando-se do DPU (*Dialecto Portugués Uruguayo*), um dos dialetos encontrados nas fronteiras do norte do Uruguai com o Brasil. Além do deslocamento e dos trânsitos em si, há uma mudança na ideia de pertencimento que podem vir com os movimentos e contatos culturais. O sujeito que se permite atingir e ser atingido pelo outro realiza uma mudança em si, na sua identidade, na língua e mesmo no pertencer. Ao pensar na comunidade Luciana Di Leone (2014), por exemplo, fala de uma maneira de ser junto e uma partilha das distâncias procurando sair da perspectiva substancialista. Ou seja, a identidade deixa de ser pensada a partir de essencialismos para ser considerada a partir das negociações no contato, no convívio com o outro.

Nesse sentido, é indissociável a escrita desses autores com a sua comunidade e os territórios nelas implicados. González (2019, p. 105) questiona como localizar uma literatura latino-americana que possui várias maneiras de pertencimento cultural, já que esses escritores estão permeados por mais de uma língua, mais de uma cultura e às vezes mesmo se encontram desterritorializados e/ou migrados em um país estrangeiro? A literatura latino-americana também deixa de ser pensada de maneira essencialista pois deve abarcar essa complexidade que reflete os próprios autores translingues e transnacionais. A comunidade literária contemporânea é, portanto, o resultado da articulação dessas singularidades.

O translinguismo é comumente observado a partir da escrita de autores que está permeada por dois sistemas linguísticos, ao que podemos chamar de relação translingual (ETTE *apud* GONZÁLEZ, 2019, p. 102). O translinguismo é um fenômeno que envolve a escrita do autor bilíngue. No caso de Fabián Severo, ele opta por escrever em portunhol, que é uma língua diferente da língua oficial. Assim, o autor escreve em um

idioma que sofre diglossia frente ao espanhol, ou seja, expõe as hierarquias que as línguas em seus contextos podem estar submetidas.

Na sociolinguística o bilinguismo ocorre quando uma comunidade ou indivíduo domina um outro idioma além do idioma materno. No entanto, a diglossia envolve uma dinâmica de hierarquia e ocorre quando há dois idiomas dentro de um mesmo território, normalmente o oficial e/ou administrativo e outro aprendido no âmbito materno/familiar. As diferentes relações de uso, troca e mistura linguística são fenômenos bastante comuns e verificados no mundo inteiro, não sendo diferente na América Latina dado seu histórico de colonização e encontros culturais. No caso das fronteiras entre o Brasil lusófono e os países hispano-falantes os diferentes usos do português e do espanhol produziram modos de comunicação bastante particulares como o portunhol.

Contudo, apesar da existência de diversas línguas nesses territórios que compõem as fronteiras sul-americanas, vale lembrar que a dinâmica de usos na comunicação entre os participantes se dá de maneira diferente, de acordo com as relações sociais e situações de comunicação. No caso do portunhol, essa pode ser uma língua comercial e de comunicação rápida, dada a intercompreensão entre falantes do português e do espanhol. Ela pode ser também uma interlíngua dos aprendizes de português e de espanhol. No caso uruguaio, o portunhol pode muito bem ser uma língua materna, ligada ao contexto familiar, mas é também usado no dia a dia dos moradores da fronteira. Sobretudo no lado uruguaio, dado o histórico de ocupação luso-brasileira e a influência espanhola ao longo dos séculos, vestígios hoje ainda extremamente fortes.

Quanto ao uso literário do portunhol, ela normalmente é escrita de maneira criativa e inventiva, como o faz Douglas Diegues e outros escritores do portunhol selvagem. Ou ainda de maneira transliterada, com o uso de diversas grafias para um mesmo fonema, como o faz Fabián Severo, falante de DPU. Pode-se ainda pensar nessa recriação do escritor translingue como uma autotradução (GONZÁLEZ, 2019, p.109). O que se verifica a partir do trabalho desses e outros autores é que suas escolhas pelo uso do portunhol estão também vinculadas à defesa político-cultural de uma forma de comunicação. Isso porque ainda hoje há uma forte hierarquia de uso entre a língua nacional frente a outras línguas. No caso Uruguaio, como já foi dito, os dialetos das

comunidades do norte foram no passado controlados por leis e políticas linguísticas monolíngues.

No translinguismo essas práticas de escrita inventiva configuram uma estética. Severo também utiliza de neologismos durante o processo de escrita de suas obras, tornando-se também um escritor translíngue. Na obra *Sepultura* (2020) podemos ver esse processo de criação de palavras do escritor através do uso de termos como: “*palabridad*”, “*deslembriamiento*”, “*arreciën*”, “*silenciación*”, “*resucitamiento*”. Esse processo é conscientemente tratado na própria obra:

Disculpe mis retornamientos. ¿Vio cómo son las palabra? Usted larga una y ella llama a las otra. Palabridad. ¿Usted no juega de inventar palabra? ¡Qué pena! A mí me gusta. Escuchar un sonido nuevo es de las pocas cosa que ainda me dan felicidad, es como suspirar en los oído del mundo. (SEVERO, 2020, p. 39).

O texto de Severo está permeado por dois sistemas linguísticos que são o espanhol e o português que funcionam como um *continuum*, o que ETTE (2019) chama de relação translingual. Ao escrever, Severo tenta representar no papel, nos dois idiomas, os sons, mas também as culturas que o atravessa. Por essa razão, o autor joga com os fonemas, a grafia e as palavras das duas línguas. O que vemos nas poéticas translíngues é que um sistema linguístico serve para alojar outro. (PRATT *apud* GONZÁLEZ, 2019, p. 102). O autor bilíngue que está habitado por dois idiomas vai estar imbricado por essa relação, onde sempre faltará uma palavra do outro idioma. Nesse sentido podemos falar ainda de uma sensibilidade translíngue (KELLMAN *apud* GONZÁLEZ, 2019, p. 103). Como diz o próprio escritor sobre seu processo de escrita:

Cuando me múde para Montevideo, impecé sentir saudade de mis calle, extrañé mis vecino, me faltava los sonido da frontera. Impecé a recordar, mas mis lebranza también venían en portuñol. La tristeza no bajaba y impecé a escribir. Cuando recuerdo, cuando sinto, cuando penso, lo hago en portuñol. (SEVERO, 2015).

Sturza (2019) faz uso de um aporte da sociolinguística e da linguística aplicada para propor uma diferenciação conceitual do portunhol do ponto de vista dos estudos gramaticais e outro dos estudos sociais. De acordo com a autora, sob um primeiro ponto de vista, se considera o portunhol como uma língua na qual sua gênese está, evidentemente, o português e o espanhol, e cujo entrelaçamento se sustenta a partir das gramáticas das duas línguas, como visto nas práticas translíngues. De um outro ponto de

vista, há a significação, pois o falante dessa língua vai reivindicá-la politicamente e culturalmente, como o faz sobretudo os escritores mencionados. Nesse último caso, o falante de portunhol questiona a perspectiva negativa que lhe é atribuída e ganha status identitário positivo. Como explica em sua dissertação:

A designação implica um significado histórico e político como língua de uma comunidade linguística que usa o português e/ou espanhol como línguas maternas e/ ou segundas, e sobretudo, porque traz inscrita uma relação identitária com seus falantes, que a eleva à categoria simbólica de pertencimento à fronteira e, em certa medida, a um patrimônio cultural regional. O nome de uma língua como Portunhol não é apenas uma referência a qual remetemos invariavelmente à mistura de duas línguas, mas é sobretudo a significação política e histórica de uma língua. (STURZA, op. cit., p. 109).

A enunciação fronteiriça de Fabián Severo é importante na medida em que nos proporciona a possibilidade de verificar como a literatura do escritor contemporâneo, em particular o fronteiriço, trabalha com os elementos culturais de seu contexto como o uso de uma língua híbrida, permeada por discussões no âmbito literário e sociocultural. A fronteira é vista, portanto, sob uma perspectiva do encontro entre línguas e culturas e sua relação com o sujeito transnacional, mas também por sua significação política e histórica. Esse fator reflete na produção do autor na medida em que as escolhas literárias que faz são manifestações do lugar fronteiriço a partir do qual escreve, a partir de seu lugar de enunciação.

Esse lugar de enunciação do escritor é “um entre lugar” ou ainda como o escritor imagina “um lugar inexistente” entre duas nações, cuja língua literária é o resultado também do contato entre outras duas línguas. Ele é extraterritorial. O que nos remete novamente à ideia de sujeito transnacional. É algo que se situa em uma margem. É uma dualidade cortada – ou interligada, podemos relativizar – por um rio ou uma ponte. Esse lugar põe em xeque todas as concepções pré-formadas do que é pertencer. O sujeito se vê representado a partir de duas outras culturas, mas nunca de sua própria. O fato de não ver a língua que fala materializada no espaço em que vive traz aos moradores fronteiriços a sensação de não ter uma mãe-pátria, como pode ser observado em seu poema “Nove”: “*Artigas teim uma lingua sin dueño.*” (SEVERO, 2010, p. 17). Ou ainda em seu poema “Des”:

*Miña lingua le saca la lengua al dicionario
baila um pagode ensima dus mapa*

*i fas com a túnica i a moña uma cometa
pra voar, livre i solta pelu seu.* (SEVERO, 2010, p. 18).

Nos dois poemas o autor nos passa novamente a sensação de um lugar que funciona de maneira autônoma, ainda que rodeada por forças que a querem controlar, como o mapa e a escola. Ele já nos disse que esse é um lugar que não está nos mapas e que não tem presidente. E que agora se pode até mesmo dançar em cima desse mapa. A língua também não reconhece a autoridade do dicionário. A autoridade da escola também desaparece quando o uniforme na imagem da “*túnica*” e da “*moña*”, referência à opressão escolar, se tornam “uma cometa” que voa livre, agora como símbolo de liberdade.

A fala fronteiriça dos poemas no qual o escritor faz empréstimos de léxicos do português e do espanhol é contraventora e compromete o território nacional, que por sua vez sim existe nos mapas. Já a língua, pelo contrário, é sem Estado e sem dono. Uma ameaça aos olhos vigilantes dos que temem abalos sísmicos na integridade nacional, com medo de que ela desabe, sem saberem, porém, que ela é tão frágil quanto as forças que a criou.

A fronteira é um lugar que ultrapassa - se não transgride -, as linhas divisórias de dois territórios, de duas línguas, de duas culturas. Na mente do fronteiriço, pelo contrário, essa dualidade deixa de existir, ou pelo menos, é integrada. Isso ocorre de tal maneira que as divisões se tornam tênues. A fronteira é tão movimentada quanto o rio que corre na sua margem e divide o território em dois (ou será que os une?). Esse lugar particular de onde Severo fala faz um movimento como o de um pêndulo que vai de um lado ao outro da margem. Esse pêndulo quando para está sempre ao centro, em uma posição entre algo. Porém, para se movimentar, deve estar suspenso no ar, em lugar algum.

Esse é um lugar onde a circulação de pessoas e bens ultrapassam e mesmo transgridem o controle dos Estados. No mesmo sentido as culturas e as línguas se chocam na fronteira, estabelecendo hierarquias, misturas e códigos sociais de uso. Desse modo, a fronteira seria segundo Sturza (2006, p. 65) um lugar de cruzamento onde outras práticas linguísticas funcionam em convivência e contato sob o mesmo teto das línguas nacionais dominantes. Os limites do território nacional seriam, portanto, um

espaço de enunciação de línguas em contato, mais especificamente, segundo a autora, um “Espaço de Enunciação Fronteiriça”.

Como explica o linguista uruguaio Behares, que investigou sobre os fenômenos do portunhol, essa variedade do português falado em Artigas, dado as condições de contato com o espanhol, foram gerados diversos graus de hibridação de léxicos e fonemas das duas línguas. Sua análise mais formal e descritiva dos aspectos do DPU, contudo, não impede o linguista de entender a relação afetiva que os falantes do dialeto têm com a língua e o território. Em epílogo escrito por ele no livro Noite Nu Norte (2010), o linguista diz que (Ibid., p. 68) o portunhol é para Severo “*su ‘lengua materna’, aquella en la cual se constituyó como ser de lenguaje*”. Ainda sobre a obra de Severo, ele diz que:

Es un libro de poesía y no una colección de poemas, como ya señaló Etchemendi. Este hecho implica una cosmovisión poética en la cual se hacen presentes su “artiguensidad” y su “portuñolidad” en forma central y descarnada. En sus páginas vibra esa habla deliciosa y verdadera, patrimonio de sus hablantes, los artiguenses, singularizada por su hablante, Fabián Severo. En cierto sentido, el libro constituye una “Poética Fronteriza” o más bien una “Poética Artiguense”. (BEHARES, 2010, p. 68)

Como explicado, o lugar de fala de Severo é um lugar particular onde ocorrem determinadas práticas linguísticas, cujas forças simbólicas têm um papel crucial na própria significação do sujeito e de sua identidade e na produção cultural. É um lugar de alteridade, onde o “eu” e o “outro” estão em constante disputa e convivência. O uso diglósico da língua nesse lugar pode se tornar um gesto político, uma diferenciação, uma aproximação ou mesmo distanciamento.

Quando perguntado em entrevista sobre a importância artística do portunhol, Severo responde que: “Como em qualquer comunidade, é fundamental para as comunidades que falam Portunhol que exista literatura, música, educação em sua língua materna.” (SEVERO, 2017). Não é à toa que o portunhol tem ganhado cada vez mais visibilidade graças a escrita e valorização da língua. Isso se confirma nas mudanças de paradigmas atuais como a aplicação de políticas linguísticas positivas na fronteira, o debate com a sociedade civil, as premiações literárias, eventos e ciclo de debates que em seu conjunto criaram uma rede e documentos que possibilitaram iniciar o processo de

reconhecimento do portunhol no Uruguai como Patrimônio Cultural Imaterial, em 2015.

Para Mota (2014) esse processo de escrever uma língua ágrafa causa também um efeito político tal como ocorre na oralidade. Para ela se trata de uma “escrit(ur)a em portunhol” como gesto político. Sua fundamentação se baseia na ideia de que a constituição da linguagem escrita está relacionada com o letramento, o resgate da memória e mesmo na inserção do indivíduo na sociedade, onde as leis e escolarização são fundamentais. Ainda segundo ela, “a escrita seria da ordem do socialmente aceitável/instituído, do coletivo, enquanto que e a escritura seria um espaço de particularização do sujeito na língua, de singularidade” (MOTA, 2014, p. 68). Dada as condições do portunhol enquanto língua do âmbito oral e a repressão institucional de políticas monolíngues, escrever em portunhol é uma das maneiras como o sujeito fronteiriço pode se constituir dentro do Estado letrado. Nas palavras da autora:

[...] pensar que escrever em uma língua possibilita ao sujeito a entrada em uma determinada configuração social pelo simbólico é relevante na medida em que estamos tratando de uma língua não gramatizada/instrumentalizada e cuja grafematização apoia-se em sistemas de outras línguas. Nesse sentido, o próprio ato de enunciação do sujeito ao escrevê-la tem como efeito a instituição de um lugar para essa língua no domínio das letras. Dito de outro modo, é pela escrita e na escrita que se confere outro lugar para o portunhol, bem como uma outra modalidade de circulação. (2014, p. 67)

Diante disso o que podemos dizer é que o uso do portunhol sempre remete a um ato político, pois as escolhas pelo uso ou não da língua está associado a uma identificação enquanto sujeitos de uma comunidade particular. Esse lugar de enunciação de onde falam é o fronteiriço, mas também podemos localizar esses escritores que realizam práticas translíngues dentro de um panorama que reflete uma gama de escritores desterritorializados que representam uma nova maneira de ver o escritor e a literatura nacional e mundial. O fato de esses sujeitos falarem e escreverem a partir de um lugar de enunciação próprio, dentro do Estado pensado como monolíngue e homogêneo, vai criar novas maneiras de ver a literatura latino-americana, seja no continente ou no exterior. No caso de Severo vai conferir um status de legitimidade ao dialeto frente a língua nacional e constituir seu lugar de enunciação fronteiriço.

Referências

- ABRANTES, F. A. *A escrita em línguas híbridas e a superação da tradição do silêncio dos sujeitos transfronteiriços: uma comparação entre a escrita literária em português e em spanglish*. Tese de doutorado. Universidade de Juiz de Fora. 2018.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *Fronteiras em Movimento e Identidades Nacionais: A Imigração brasileira no Paraguai*. Programa de Pós-graduação em Sociologia. UFC, 2005.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Trad. Eduardo L. Suárez. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- ANZALDUA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt. Lute, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Consequências Humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- BEHARES, Luis Ernesto. Transliteraciones fronterizas. In: SEVERO, F. *Noite nu Norte. Poemas en Portuguol*. Montevideo: Ediciones Del Rincón, 2010, p. 9-16.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.
- BOGADO, Cristino. et al. *Los Chongos de Roa Bastos*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2011.
- BUENO, Wilson. *Mar paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- CABRERA, Damián. *Xirú*. Assunção: Edicione de la Ura, 2012.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas*. Estrategias para entrar y salir de la modernidad. Editorial Grijalbo, Mexico, DF, 1990.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Giulio Einaudi editore. Turin, 1998.
- ETTE, Ottmar. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transárea. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, Agos. 2015, p. 192-209.
- GONZÁLEZ, Elena. Escritas translingues e comunidade literária hispano-americana. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; ANDRADE, Antonio. *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019, p. 96-114.

- HALL, Stuart. *Identidade e diferença*. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A. Rio de Janeiro, 2006.
- LEONE, Luciana di. “Editoras de poesia: comunidade, imunidade, afetos.” In: *Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014, p. 75-113.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de; ANDRADE, Antonio. *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019. 194p.
- MOTA, Sara dos Santos. *Portunhol e sua re-territorialização na/pela escrit(ur)a literária: os sentidos de um gesto político*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. 2014.
- RAMA, Ángel. *Transculturación Narrativa en América Latina*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1982.
- SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte*. Poemas en Portuñol. Ediciones del Rincón. Uruguay, 2010.
- SEVERO, Fabián. *Noite nu Norte*. Poemas en Portuñol. In: BEHARES, Luis. *Transliteraciones Fronterizas*. Ediciones del Rincón. Uruguay, 2010.
- SEVERO, Fabián. *Sepultura*. Uruguai: Ediciones de la Canoa, 2020.
- SEVERO, Fabián. Entrevista com Fabián Severo. *Revista Letras Raras*. Vol. 4, Ano 4, Nº 3, 2015.
- SEVERO, Fabián. *Portunholando*. Discurso de Fabián Severo pronunciado en la mesa de apertura del 16º Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol. São Carlos/UFSCar. 29 de julho de 2015. Disponível em: <<https://espanholdobrasil.wordpress.com/2015/08/01/discurso-de-fabian-severo-pronunciado-en-la-mesa-de-apertura-del-16o-congresso-brasileiro-de-professores-de-espanhol/>>.
- SEVERO, Fabián. Fabián Severo: “Querem convencer-nos de que existe uma forma correta de falar e escrever em espanhol, a forma de falar de determinados centros de dominação”. Entrevista concedida ao *Portal Galego da Língua*, 2017. Disponível em: <https://pgl.gal/fabian-severo-querem-convencer-nos-de-que-existe-uma-forma-correta-de-falar-e-escrever-em-espanhol-a-forma-de-falar-de-determinados-centros-de-dominacao/>. Acesso em 15 de novembro de 2022.
- STURZA, Eliana Rosa. *Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira*. *Revista Iberoamericana de Educación*, p. 97-113, setembro de 2019.
- STURZA, Eliana Rosa. *Línguas de Fronteiras e Política de Línguas: uma história de ideias linguísticas*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

Recebido em: 08/06/2022

Aceito em: 13/10/2022